



Rejane de Fátima Santana
rejane08@terra.com.br

Brasília-DF

2008



*Rejane de Fátima Santana*²
rejane08@terra.com.br

Resumo

Este trabalho objetiva identificar a importância da interação entre a produção textual e a leitura. Compreender como ocorre tal interação entre o professor e o aluno no processo ensino aprendizagem, para que o aluno possa produzir seus textos com coerência, coesão e clareza. Conscientizar, tanto o professor quanto o aluno, de que a produção textual e a leitura são instrumentos importantes para o aprendizado. Não basta o professor identificar os erros na redação dos alunos, é necessário fazê-los entender que o erro é apenas um caminho para o acerto, por isso, a reestruturação textual assume papel de relevância no processo ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Produção textual – Leitura – Professor – Interação – Aluno.

A interação: um breve conceito

Interação pressupõe a convivência entre as pessoas, numa relação de troca mútua. É nessa relação que há a assimilação de conhecimentos e o desenvolvimento de hábitos e atitude de convívio social. Tudo isso contribui para que haja a cooperação, a solidariedade e o respeito humano.

Nesse caso, interação nada mais é do que as relações interpessoais, que é assim, definida por Antunes: “entende-se por relações interpessoais o conjunto de procedimentos que, facilitando a comunicação e as linguagens, estabelece laços sólidos nas relações humanas” (2003, p. 9).

Diante desse contexto, é importante que haja a interação entre professor e aluno,

¹ Parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa com Ênfase em Produção Textual - Faculdade Albert Einstein em jan/2008.

² Rejane de Fátima Santana Graduada em Ciências Econômicas e Especialista em Língua Portuguesa com Ênfase em Produção Textual.



porque a sala de aula é um espaço onde ocorre a relação social entre um grupo, assim, observa-se a importância do grupo como elemento formador. Isso é o que reflete Haydt:

Cada classe constitui também um grupo social. Dentro desse grupo, que ocupa o espaço de uma sala de aula, a interação social se processa por meio da relação professor-aluno e da relação aluno-aluno. É no contexto da sala de aula, no convívio diário com o professor e com os colegas, que o aluno vai paulatinamente exercitando hábitos, desenvolvendo atitudes, assumindo valores. (HAYDT, 1998, p. 55).

O que a autora afirma é que a interação em sala de aula é responsável pela formação e pelo exercício de valores e de atitudes no aluno. Isso é possível acontecer devido à convivência dos alunos, colegas e professores. Nesse ambiente de interação pressupõe-se, também, que haja a relação afetiva.

Se esse relacionamento, for positivo, pode levar os alunos a ter sua auto-estima aumentada e com isso, uma aprendizagem melhor.

O modo como se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional. (MORALES, 2003, p. 10).

O professor que se sente realizado em sua profissão pode oferecer um ensino melhor para seu aluno, por meio de práticas educacionais diversificadas.

É na relação professor-aluno que a integração se constrói e, de um lado ocorre o aprendizado pelo aluno, e do outro, a satisfação do professor ao perceber que o objetivo de sua prática educacional foi alcançado. Estando, professores e alunos satisfeitos com a forma como se desenvolve o processo ensino-aprendizagem, pode-se supor que haverá um bom relacionamento entre eles e é possível que diminua, ao final do ano letivo, o número de reprovações e de alunos em recuperação. Porque na boa interação haverá a preocupação do professor com o desenvolvimento integral de seu aluno e como resposta deste, um maior empenho nos estudos. (Morales, 2003, p. 11).

Não se pode negar que essa interação é de suma importância, pois alunos e professores passam várias horas do dia e vários dias do ano em contato um com o outro. O



que possibilita a troca de experiência, o conhecimento pessoal e o conhecimento das limitações de cada um, isso torna o grupo solidário e coeso. Sobre isso:

A interação professor-aluno é um aspecto fundamental da organização da situação didática, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades. (LUCKESI, 1999, p. 59).

Pelo que diz o autor, não é possível que haja um processo de ensino-aprendizagem eficiente sem que a interação entre professor e aluno seja positiva. Somente em um ambiente em que todos se sintam bem, é possível que haja o aprendizado.

Se essa interação não for de forma positiva, o processo ensino-aprendizagem corre o risco de não acontecer. Muitas vezes, por não gostar do professor, o aluno não permitiu que ele faça parte de sua vida de forma mais presente, então, acaba por não prejudicar o processo de apreensão, e isso pode levá-lo à reprovação.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o aprendizado não ocorre em um ambiente em que a interação se desenvolve de forma harmônica devido à afetividade acontecer de forma negativa, não havendo assim, o respeito e à cooperação entre professores e alunos.

A escrita e a leitura

Muitas línguas existiram apenas como meios de comunicação oral. A humanidade já falava milhares de anos antes de se inventar a escrita e a leitura, e ainda hoje milhões de pessoas usam muito bem suas línguas mesmo que não disponham de forma escrita. Deste modo, uma mensagem escrita é relativamente permanente, enquanto que a fala é totalmente efêmera. Ou seja, uma mensagem escrita pode ser conservada e posteriormente lida. Fatos e idéias transportados para a escrita podem ser preservados sem tornar-se uma sobrecarga para a memória. Além disso, as mensagens escritas podem ser lidas por grande quantidade de pessoas em diferentes época e lugares.

A sociedade moderna tem uma dívida enorme para com a escrita e a leitura. Não se trata apenas de uma conveniência. A civilização atual altamente integrada e tecnologicamente orientada dificilmente poderia ter uma existência tal qual é se não fosse à capacidade de documentar e preservar mensagens escritas.



É ainda importante refletir: quais fatores influenciam na criação do hábito da escrita

e, concomitantemente, da leitura?

É inegável que os modernos meios de comunicação nos permitam um maior conhecimento acerca do mundo. No entanto, estes meios de comunicação nos apresentam os fatos sem nos dar chance de usarmos o nosso raciocínio. A quantidade de informações é tão grande que não temos de refletir sobre os acontecimentos. Desta forma, nós passamos a conhecer melhor o mundo, porém sem entendê-lo. (QUEIROZ, 1999, 17).

Há um consenso entre os especialistas de que pode ter influência decisiva e positiva na produção textual e na aquisição da leitura o fato de: a pessoa nascer numa família de leitores; ter passado a juventude num sistema escolar que se preocupe com o desenvolvimento do hábito de leitura; que o livro tenha um preço razoável; que o acesso ao livro seja fácil e principalmente, o valor simbólico que a população lhe atribui. Se a população atribui ao livro um valor simbólico alto, por tudo o que ele representa então se cria um vínculo razoável entre o leitor e os autores por meio do veículo próprio, que é o livro.

Contudo, somente programas permanentes que ataquem simultânea e coordenadamente estes cinco fatores poderão produzir o aumento progressivo do consumo de livros e o desejado crescimento da massa crítica de leitores e possíveis futuros escritores.

A apreensão da escrita e da leitura desencadeia processos conscientizadores e produtivos na comunidade. Uma coisa é certa: as pessoas que escrevem mal devem ler pouco, o que também leva a uma clara insuficiência vocabular. Não podemos enriquecer a linguagem dos jovens se os índices de produção textual e da leitura acusam recordes negativos. O livro é o que há de mais importante, merecendo o mais completo apoio, a partir da idéia de formar o hábito de ler.

Não é de hoje existe vários conceitos sobre o que é leitura. Um deles é expresso da seguinte forma:

Desconheço liberdade maior e mais duradoura do que esta do leitor ceder-se à escrita do outro, inscrevendo-se entre as suas palavras e os seus silêncios. Texto e leitor ultrapassam a solidão individual para se enlaçarem pelas



interações. (QUEIROZ, 1999, p. 55).

Claro que numa linguagem até poética, mas, de forma cristalina, ele continua:

As palavras são portas e janelas. (...) Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para as viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida. (QUEIROZ, 1999, p. 56).

Na verdade, existe a certeza de que o mundo pessoal é insuficiente. Faz-se necessário buscar-se a si mesmo na experiência do outro e inteirar-se dela. Tal movimento atenua as fronteiras e a palavra fertiliza o encontro.

Existem alguns conflitos que abalam a produção textual e a leitura: a relação professor-aluno, a falta de motivação, os problemas sociais, segurança e ameaça ao exercício da função do professor por alunos, classes muito numerosas, drogas, notas baixas, alunos apáticos, rebeldia, falta às aulas, que é comum por parte de muitos alunos. Mas não é só isso, em muitas escolas, principalmente nas públicas, faltam recursos materiais com os quais o professor trabalha, falta boa vontade de seus superiores em disponibilizar locais para aulas diferentes, entre outros problemas.

O fato é que o professor tem muita influência no processo de apreensão da escrita e da leitura. Porém é preciso que ele tenha o domínio do conteúdo, use métodos e técnicas diferenciadas para ensinar. Tenha clareza nos objetivos, personalidade, atitude e seriedade profissional. Ele deve ser um bom exemplo para os alunos, tratá-los com carinho, respeitar o senso de justiça, não menosprezar e nem diminuir o aluno. Além disso, deve saber lidar com as diferenças individuais.

Porém, nem sempre o professor e a escola conseguem atingir plenamente os seus objetivos, depara-se com situações em que os alunos não cumprem com os principais deveres. Nesse caso, é preciso que o professor incentive seus alunos a participarem das aulas, proporcionando-lhes momentos diferentes de aprendizagem, com aulas mais dinâmicas, coletivas, significativas e contextualizadas. Além disso, o professor deve tornar-se amigo do



aluno, preocupando-se com sua aprendizagem e ajudando-o a solucionar seus problemas.

A escola, que detém o status legitimado de desenvolver modalidades de pensamento, tem um papel insubstituível na apropriação da experiência culturalmente construída. Por isso, ela tem o compromisso de tornar acessível o conhecimento organizado e, além disso, tem a função de possibilitar o acesso dos alunos aos objetos que possuem significado cultural.

Morales (2003) também afirma que “nos relacionamentos com os outros não são como são, e sim como os percebemos” (p. 61). Por isso, em sua relação com os alunos, o professor deve ser transparente, para que seu aluno perceba a importância que tem para ele como ser humano e como aluno. Porque, se o aluno perceber que o professor não possui afeto por ele, ou pela turma, o relacionamento entre eles poderá ser conflituoso, a indisciplina e o descaso pela aula e pelo aprendizado poderão aparecer e isso prejudicará todo o processo de apreensão e aquisição da escrita e da leitura.

A fim de manter o clima de harmonia dentro da sala de aula, o professor deve mostrar-se interessado pelo progresso do aluno e estar sempre motivado a aprender mais. Entretanto, se o professor notar que um aluno não está tendo um rendimento coerente com o restante da turma, deve motivá-lo e incentivá-lo a estudar mais.

“Os alunos menos motivados, menos comprometidos com seu aprendizado, menos ativos (...) recebem de seus professores comentários, ou outro tipo de comunicação, que os desmotivam ainda mais” (Morales, 2003, p. 61-62). No entanto, são esses alunos que merecem mais atenção do professor e não aqueles que já estão suficientemente motivados.

O professor é um mediador em sala de aula, as interações entre ele e os alunos não se limitam apenas aos aspectos cognitivos, a afetividade é uma dimensão sempre presente nos processos interativos. Alunos e professores convivem vários anos em um mesmo ambiente e nessa interação a afetividade se faz presente e é determinante da qualidade da aprendizagem e do ensino. Sobre o convívio entre aluno e professor em sala de aula.



Haydt contribui dizendo que:

É durante este convívio, isto é, são nesses momentos de interação, instantes compartilhados e vividos em conjunto, que o domínio afetivo se une à esfera cognitiva e o aluno age de forma integral, como realmente é, como um todo. Ou seja, ele age não só com a razão. Mas também com os sentimentos e as emoções. (HAYDT, 1998, p. 56).

Como se pode observar é no convívio positivo em sala de aula que o aluno une o afetivo ao cognitivo e seu aprendizado realmente acontece, porque não apenas a razão está agindo, mas também seus sentimentos e suas emoções. Assim, além de aprender a produzir bons textos e a fazer boas leituras, o aluno passa a gostar de aprender, de escrever, de ler. Nesse sentido, as interações próprias da sala de aula são carregadas de afetividade e, portanto, esta carga afetiva vai exercer uma influência e estímulo no processo de aprendizagem.

Porém, o autor supracitado, completa que o aluno deve ser tratado de acordo com as características de sua fase evolutiva, o ensino precisa ser adaptado ao seu desenvolvimento mental e social, principalmente no que diz respeito à produção de texto e à leitura, que devem ser contextualizada com a realidade do aluno, trabalhando com temas que sejam conhecidos deles. Assim, ao aluno cabe o papel de ser ativo: observar, experimentar, ler, criticar, comparar, relacionar, analisar, compor, argumentar, etc.

É sempre bom que o professor incentive o educando para a percepção adequada dos estímulos iniciais no que compete à produção de textos e à leitura, tal procedimento deve ser feito de acordo com a maturidade do educando, pois quando o aluno percebe que está aprendendo, este é o maior reforço de motivação que pode ocorrer.

Procedimentos para uma leitura eficaz

Os métodos aqui apresentados são sugestões para o professor na utilização de suas habilidades e de materiais de leitura escolhidos para a motivação do aluno, indispensáveis nesse processo. Embora não sejam técnicas precisas ou receitas infalíveis, auxiliam na produção de texto e na leitura, tornando-as mais eficientes e produtivas. Faz-se necessário que

o professor tenha domínio de diversas estratégias de incentivo à produção textual e na leitura para que possa haver a motivação suficiente para suscitar esse interesse. Estudar o perfil dos alunos e contribuir de forma relevante para atingir os objetivos traçados.

Para uma análise detalhada e bem feita de um texto o leitor deve exigir de si mesmo uma concentração especial, uma atenção redobrada aos detalhes, assimilar o maior número de informações. E por fim, que essa leitura seja feita de forma minuciosa sem deixar que nem uma informação possa passar sem que o próprio leitor perceba e possa tomar nota daquilo.

De acordo com Haydt (1998) quando o aluno inicia a leitura de um texto é fundamental que já tenha um objetivo claro para o mesmo. Com essa determinação ficam mais atentos aos detalhes e procura logo os pontos chave do texto. Para que isso ocorra, o aluno deve seguir alguns procedimentos justamente com algumas perguntas básicas que devem ser feitas em qualquer produção textual ou em qualquer leitura: *a) Qual a idéia do autor em relação ao texto? b) Que informações novas o texto traz? c) Qual a opinião do autor a respeito desse determinado assunto? d) Quem estava envolvido em tal fato? e) O que é mais importante neste texto?*

Quando o texto é começado sem nenhum roteiro ou pergunta prévia, o leitor sente uma dificuldade em identificar elementos importantes do texto a até mesmo no entendimento do mesmo. Identificar as palavras-chave no texto e as palavras que dentro do texto tem em suas essências maior quantidade de significado. Essas palavras podem apresentar variações de leitura, de leitor para leitor e até mesmo os significados, dependendo de como as mesmas são usadas.

Desse modo, Haydt (1998) afirma que o texto perde por completo o seu sentido sem as palavras-chave, pois são por meio delas que se pode refazer o texto sem que exista perda de sentido e elaboração de um esquema ou de uma síntese. Na maioria das vezes essas palavras-chave são os substantivos, verbos e alguns adjetivos. Por elas serem palavras muito



importantes permitem que as idéias principais sejam recuperadas ao longo do texto caso o leitor venha a se perder. Após serem feitas, essas anotações podem gerar, de forma simples e bem completa, um resumo, esquema ou até mesmo uma paráfrase. Quando o aluno é capaz de parafrasear um texto de maneira eficaz, significa que atingiu a razão da atividade leitora. (p.31).

Haydt (1998) segue mais adiante, uma estratégia proveitosa, principalmente para quem lê com objetivo de estudar, é tomar notas, escrever palavras-chave. A partir das palavras-chave é possível destacar e anotar pequenas frases que resumem o pensamento principal dos períodos, parágrafos e do texto. Marcar com lápis nas margens por meio de títulos pessoais para identificar as partes mais importantes e tudo o mais que estiver de acordo com o objetivo principal da leitura pode originar um esquema, um resumo ou uma paráfrase. Como foi esclarecido acima: quando o aluno é capaz de parafrasear um texto de maneira eficaz, significa que ele atingiu a razão maior da atividade leitora. Ou seja, a compreensão, pois sem ela, seja qual for o objetivo da leitura, será uma atividade vazia, sem sentido e sem valor.

Durante a leitura de um texto, nem sempre é tão necessário consultar o dicionário uma vez que o próprio contexto esclarece a idéia de determinada palavra. Entretanto, embora o contexto ofereça pistas para uma interpretação temporária, não se deve abster da consulta ao dicionário. Ainda que a consulta seja adiada, é necessário anotar ou destacar os vocábulos desconhecidos a fim de buscar o significado real posteriormente. Isso porque além do risco de se fazer inferências equivocadas, haverá o benefício de desenvolver o acervo de palavras conscientes e inconscientes. Isto é, o vocabulário ativo e passivo ao qual todo falante tem. O primeiro seria o conjunto de palavras freqüentemente utilizadas enquanto o segundo seria o conjunto de palavras conhecidas, porém não empregadas.

A leitura silenciosa é outro fator que, segundo pesquisas austríacas, provoca uma



compreensão melhor que aquela realizada oralmente. Esta última inibe o entendimento e traz a preocupação e cuidado com a parte estética do texto e a fala. O aluno limita-se na pronúncia das palavras em vez de compreender as unidades de pensamento. Muitos alunos preferem ignorar o contexto e ater-se a uma atenção da possibilidade de um possível erro. Pois, “leitura oral quase sempre tem como consequência a regressão, e pode aparecer defeito de leitura, que pode durar o resto da vida. Como na vida adulta a leitura silenciosa vai predominar isso também deveria ocorrer na sala de aula”. (HAYDT, 1998, p.25).

O ensino individualizado assim como a metodologia da adaptação das habilidades resulta bons desempenhos da escrita e da leitura. Algumas pesquisas apontam que o ensino da escrita e da leitura de forma individualizado produz melhores resultados do que o ensino sistemático de toda a turma. O interesse em escrever e o hábito de ler são variados de acordo com a individualidade de cada um. Por isso, o professor deve trabalhar nesta parte de forma cautelosa, de acordo com as potencialidades e habilidades de cada um. Estudar a melhor maneira de levá-lo a um auto-ajuste de suas capacidades aos vários obstáculos encontrados na aprendizagem, aos materiais e aos objetivos almejados.

Uma escolha de material adequada ao contexto e realidade do aluno com textos inseridos na linguagem deles será mais um método de levá-los ao caminho da leitura e da produção textual. Ela também deve ser uma proposta com o fim prático, trabalhar com portadores de textos, ou seja, manchetes de jornais, folhetos de propaganda, regras de jogos, receitas de comidas, cartazes etc. Mostrar ao aluno que também há entretenimento e diversões na leitura, por isso ele se interessará facilmente pela leitura. Mas é claro que devem ser empregados de maneira correta depois de um prévio estudo didático, se realmente ajudará na conquista do objetivo maior que a motivação para a prática da leitura e conseqüentemente da produção textual. É necessário lembrar que “nenhuma professora deve empregar um material sem conhecer-lhe a finalidade, da mesma forma que ninguém toma um remédio sem consultar

Levar o aluno a estar sempre em contato com os livros fará com que ele se acostume com a realidade, com o ambiente e com o próprio objeto de leitura. Através da curiosidade ele poderá, aos poucos, se interessar pela leitura. Esta aproximação com os livros poderá se concretizar de várias formas: exposições de livros na sala de aula; constantes visitas às bibliotecas sejam para pesquisa ou somente reconhecimento do local; a ajuda através da averiguação e recuperação de livros sujos e gastos na biblioteca; livros como forma de premiação por ter se desempenhado bem nas atividades propostas ou como presente de aniversário; visita de autores; apresentação dos melhores livros, etc.

Por outro lado, a motivação está intimamente relacionada, as relações afetivas que o leitor possa ir estabelecendo com a língua escrita. Esta ligação afetiva entre o leitor e escrita é responsabilidade da escola também. Entretanto, é necessário que os professores e, em geral, as pessoas no convívio familiar valorizem, usem e desfrutem da leitura para que tal vínculo positivo se consolide. Isso significa que à escola cabe o compromisso de proporcionar ao aluno esta ligação que, muitas vezes, não possuem em casa. Aqui, vale observar a história pessoal de cada um. É importante observar o seguinte:

(...) Uma criança que convive com centenas de livros de leitura infantil desde o nascimento em seu próprio quarto, que tem pais ou adultos próximos; que lhe contam histórias; que brinca de escrever, numa máquina de datilografia ou num computador; que interage com adultos que tem na leitura e na escrita suas atividades principais, tem indiscutivelmente mais oportunidades e exercitar-se na construção de seu conhecimento da escrita que uma criança das classes populares com escasso ou nenhum acesso a livros e outros materiais impressos. (HAYDT, 1998, p. 23).

Logo, quando o estudante tem pais parceiros que cultivam o interesse de ler que faz parte da vida familiar, enxerga naturalmente à leitura como uma atividade agradável. Por outro lado, é também imprescindível que o professor tenha construído ou esteja construindo, para se uma história de leitor, ou seja, sem uma mínima capacidade de sentir prazer e gosto pela leitura, ser-lhe-ia difícil conseguir desenvolver esta mesma capacidade em seus alunos.



É preciso planejar bem a tarefa da leitura, selecionar criteriosamente os materiais a serem trabalhados. Fornecer ajuda prévia para os alunos que possam necessitar, promovendo quando possível uma diversidade de situações que abordem contextos de uso real que incentivem o gosto pela leitura e que permita ao aluno avançar em seu próprio ritmo para ir elaborando sua própria interpretação. Sem esquecer de que o papel de professor é muito importante, uma vez que, sua relação com a leitura e a escrita tem um papel fundamental no processo. Sem uma história pessoal de leitor, dificilmente conseguirá estimular seus alunos a ler e tão pouco poderá aspirar que os alunos cheguem a ser bons leitores, e conseqüentemente bons escritores. Pois, para se escrever um bom texto é necessário ter uma leitura ativa.

Sobre esse assunto, Barros faz uma definição do texto de grande relevância:

Um texto define-se de duas formas que se complementam: pela organização ou estruturação que faz dele um todo de sentido, como objeto da comunicação que se estabelece entre um destinador e um destinatário. Tornando-se assim um objeto de significação, e como objeto de comunicação entre dois sujeitos. (BARROS, 1999, p. 7).

Portanto, segundo a afirmação de Barros, o texto só poderá existir se for concebido na dualidade que o define – objeto de significação e objeto de comunicação. Assim, para que o texto possa ser entendido, precisa ter uma significação para o leitor e servir de comunicação entre duas pessoas, fora isso, o texto torna-se vazio.

No conhecimento de vários assuntos, por meio da leitura de diferentes textos e opiniões de autores, é necessário que o aluno consiga produzir seu texto com conhecimento de causa e embasamento teórico, caso contrário será apenas uma opinião pessoal.

Os elementos que compõem um texto são os elementos temáticos que lhe dão significação, estabelecendo as relações entre os componentes textuais, e os elementos estruturais que dão forma e função ao texto. Esses elementos garantem a significação que a mensagem leva para o receptor. O que concorre para essa significação são as práticas intertextuais, as operações metalingüísticas e os procedimentos que asseguram coesão e

coerência do texto. Cada um desses eixos de significação é assim definido:

As práticas intertextuais – Inscrevem o texto novo num campo intelectual já conhecido do leitor, com quem estabelecem uma espécie de convivência, pela reutilização de material que remete a um “já escrito” que predetermina o texto e lhe assegura a previsibilidade – desde a simples reminiscência até a criação.

As operações metalingüísticas – consistem no processo de equivalência de dois textos – um explicando o outro.

Os procedimentos que asseguram coesão e coerência do texto são:

a) Relações semânticas entre lexemas – Uma das formas básicas condicionantes da coesão textual é a conexão entre elementos léxicos sucessivos – representando as relações entre lexemas, importante instrumento articulatório do texto.

b) A co-presença de traços semânticos – Total ou parcialmente idênticos, os traços semânticos co-presentes no texto apontam para dois tipos fundamentais de repetição: a simples iteração e a substituição léxica. (GUIMARÃES, 2001, p. 26-29).

Dessa forma, fica claro que é na interação dos elementos que constituem a articulação que este passa a ter significado. Para compreender um texto é preciso que o receptor estabeleça ligação com outro material de seu conhecimento, que estabeleça um diálogo com outro texto e que haja coesão e coerência entre os componentes que formam o texto.

Quanto aos elementos estruturais, eles são responsáveis pela organização do texto em seu processo de construção. A estrutura é “a rede de dependências e implicações que um elemento mantém com todos os outros, no conjunto em que se encontra” (Guimarães, 2001, p. 43). Essa rede garante a coesão e a coerência textual e, por isso, deve ser ensinada e trabalhada pelo professor em sala de aula para que o aluno construa um texto significativo.

A coerência é uma das características exigidas para se compor um texto de qualidade. Coerência é a exposição de maneira clara sobre um assunto ou item abordado. Por isso, a “coerência deve ser entendida como unidade do texto” (Platão & Fiorin, 1995, p. 261), havendo assim, coerência narrativa, figurativa e argumentativa. Um texto coerente é aquele que possui uma mensagem harmoniosa, elegante, que soa bem aos ouvidos e pode ser compreendida naquilo que quer expressar.



Existem certos fatores que prejudicam a harmonia de um texto, tornando-o confuso, ambíguo e de difícil compreensão. Esses fatores são: a aliteração – repetição do mesmo fonema; o hiatismo – consiste na emenda de vogais do final de uma palavra e início da outra; a cacofonia – consiste na emenda de duas palavras criando um terceiro efeito que faz a desarmonia textual; a rima – recurso literário utilizado na poesia e inaceitável em redação com cunho mais formal; a repetição de palavras – torna o texto redundante, deselegante e de difícil leitura e o excesso de “que” – confere ao período um estilo arrastado a que se denomina acúmulo, esse excesso demonstra que o autor desconhece o manejo de sua língua materna. (MARTINS & ZILBERKNOP, 1989, p. 68-69)

Portanto, um texto coerente é aquele em que todas as partes se encaixam de maneira complementar para que não haja nada que seja destoante, ilógico, contraditório ou desconexo. Não há, dessa forma, nenhuma parte que não se harmonize com o restante do texto, tornando-o uma unidade coerente.

Já a coesão é a conexão que existe entre os vários segmentos de um texto, faz com que todos estejam interligados. Assim, um texto possui coesão quando seus vários enunciados estão articulados entre si.

A coesão de um texto, isto é, a conexão entre os vários enunciados obviamente não é fruto do acaso, mas das relações de sentido que existem eles. Essas relações de sentido são manifestadas, sobretudo por certa categoria de palavras, as quais são chamadas; *conectivos* ou *elementos de coesão*. Sua função no texto é exatamente a de por em evidência as várias relações de sentido que existem entre os enunciados. (PLATÃO & FIORIN, 1995, p. 271).

Observa-se assim, que o que faz com um texto tenha coesão é a utilização dos conectivos para ligar uma idéia à outra ou um pensamento a outro, que servem também para dar continuidade ao que foi dito anteriormente e acrescentar outro dado. São várias as palavras que assumem a função de conectivo ou elemento de coesão, entre elas estão: as preposições, as conjunções, os pronomes e os advérbios, que são os elementos que fazem a

ligação entre idéias.

Na visão de Platão & Fiorin (1995), são considerados elementos de coesão “todas as palavras ou expressões que servem para estabelecer elos, para criar relações entre segmentos do discurso” (p. 179). Como a função dessas palavras é de estabelecer um elo entre os elementos e as idéias do texto, são elas que estabelecem o nível de relação entre os períodos da oração.

Além de ligarem as partes do texto, os conectivos também estabelecem entre essas partes certo tipo de relação semântica, que pode ser de causa, de finalidade, de condição, de contradição, entre outras. Nesse caso, no momento da escrita, deve-se ter o cuidado de utilizar o elemento de coesão apropriado para exprimir o tipo de relação que se quer estabelecer entre os elementos do texto.

Sobre a forma de utilização desses conectivos, Platão & Fiorin (1995) esclarecem que “o uso adequado desses elementos de coesão confere unidade ao texto e contribui consideravelmente para a expressão clara das idéias. O uso inadequado sempre tem efeitos perturbadores, tornando certas passagens incompreensíveis” (p. 272). Portanto, esses elementos possuem fundamental importância para que a produção de um texto possua clareza de expressão e torne um todo.

Além dos aspectos textuais, para que o significado do texto seja compreendido ele precisa estar em sintonia com o leitor, caso contrário, ele perderia a sua capacidade de comunicação com ele. Assim configura-se a importância de os professores saberem bem quais textos escolher para seus alunos, pois cada faixa etária prioriza um determinado tipo de texto. Isso é importante porque é a partir da compreensão do texto que o aluno poderá se embasar para construir seu próprio texto.

É com esse interesse em despertar o aluno para o hábito de ler que o professor objetiva no aluno melhor assimilação e apropriação de um mundo a ser gradativamente

descoberto.

Algum tempo atrás o principal objetivo do professor em sala de aula, na escola tradicional, era consertar os erros dos alunos. Alguns professores traziam como senso comum de que os erros teriam de ser evitados, e quando não evitados, punidos. Essa concepção ainda vigora, porém com menos intensidade, na relação professor/aluno.

Atualmente, essa concepção vem mudando e o erro já possui papel fundamental na aprendizagem, para que o professor possa proceder de forma correta, no intuito de operar novas tentativas na construção do conhecimento. A aprendizagem ocorre na construção de esquemas que se sucedem em uma caminhada em que o erro é imprescindível e deve ser percebido como a fonte de virtude e não como fonte de castigo (LUCKESI, 1999, p. 99).

O erro pode ser utilizado pelo professor para construir o conhecimento dos alunos por meio do esclarecimento dos caminhos que devem seguir a fim de resolver os problemas apresentados. Assim, o erro é uma forma para qual o aluno chega ao acerto. É por isso, que os professores devem utilizar os erros como instrumentos que levem os alunos a se apropriarem daquilo que está sendo ensinado. Por meio do erro o professor pode fazer um *feedback* de sua prática pedagógica, não colocando a culpa no aluno ou cultura dos familiares.

Por meio do erro o professor pode fazer um *feedback* de sua prática pedagógica, não colocando a culpa no aluno ou cultura dos familiares, como afirmam Raposo & Pinho:

Com essa perspectiva excludente silenciam as pessoas, suas culturas e seus processos de construção de conhecimentos desvalorizando saberes fortalecem a hierarquia que está posta contribuindo para que diversos saberes sejam apagados percam sua existência e se conforme como ausência de conhecimento. (2005, p. 291).

Na perspectiva convencional de escola chegou ao absurdo do erro corresponder a um castigo. Hoje, no entanto, o castigo não é mais físico, mas nem por isso desprovido de violência. Esse tipo de avaliação primitiva pode atingir inclusive a personalidade dos jovens fazendo surgir o medo, que “não serve para nada mais do que garantir uma submissão



internalizada. O medo tolhe a vida e a liberdade, criando a dependência e a incapacidade para ir sempre em frente” (LUCKESI, 1999, p. 15).

O professor deve aproveitar o erro para levar o aluno a entender como ele ocorreu e qual o caminho que deve ser seguido para que haja êxito de sua parte. Pois, o erro pode ocorrer tanto pela falta de conhecimento do aluno, quanto pela confusão ou pelo esquecimento. O professor ao descobrir, junto com o aluno, como o erro ocorreu, estará levando-o ao entendimento dos procedimentos corretos que levem ao aprendizado, a assim, entender como ocorre a construção de seu próprio conhecimento.

Mesmo porque, ainda que os alunos tenham o conhecimento de vários conceitos, não quer dizer que saberão aplicar esses conceitos. É preciso que os professores os habilitem a utilizá-los. As habilidades são formadas não apenas com o saber empírico, mas com o saber fazer, que é a forma como o aluno adquire conhecimentos e constrói sua aprendizagem, a partir do uso de certo tipo de raciocínio sobre dados e informações que possui. Levando o aluno a agir dessa forma, o professor está possibilitando-o desenvolver suas capacidades e suas potencialidades.

O professor só conseguirá realizar este tipo de trabalho se tomar consciência de que, não apenas o aluno deve ser avaliado, mas ele também, em sua prática em sala de aula; pois, muitas vezes uma metodologia inadequada pode levar o aluno ao fracasso.

O professor pode favorecer a construção do conhecimento proporcionando aos alunos espaço para tentativas de resolução de problemas, e depois, fazendo uma avaliação crítica juntamente com os alunos. Essa prática pode levar à extinção do erro por meio de resolução de problemas pelos caminhos apropriados que devem ser seguidos pelos alunos, que aprenderão a corrigir o erro durante o processo.

Assim, o erro torna-se uma oportunidade de aprendizado e instrumentaliza o aluno a ter sucesso em sua jornada escolar. Dessa maneira, o “erro construtivo” é uma ferramenta



importante para o aluno aprender por meio de tentativa, pois é errado que ele chegará ao que é considerado correto. Todos os alunos cometem erros ao escrever seu texto, somente a oportunidade de refazê-lo poderá dar a ele a oportunidade de verificar onde errou e porque, refazendo de maneira acertada.

Algumas considerações

A produção de texto é tão necessária na vida dos alunos quanto à leitura e a interpretação. Saber escrever com coerência é uma habilidade que se adquire na escola, pois ela é um espaço privilegiado para aprendizado sistematizado. Mas para isso, o professor deve oportunizar boas leituras para seus alunos, visto que muitos escritores acreditam que é na leitura que os alunos entram em contato com os aspectos da língua escrita.

Sendo assim, o aluno precisa conhecer todos os elementos que auxiliam e os que atrapalham a boa redação. Conhecendo esses elementos, produzir um texto não será para ele uma dificuldade, mas um prazer realizado com competência. Ainda mais quando o professor de Língua Portuguesa quebra os mitos referentes à boa escrita e utilizam o erro para o aprendizado da construção de um bom texto.

Conforme a posição dos autores pesquisados, o texto precisa ter uma estrutura a fim de que o leitor possa compreendê-lo bem, principalmente, as dissertações. Para isso, é preciso atentar para a coerência e coesão textual, o uso adequado de conectivos, a boa ortografia, a não utilização de frases feitas e, finalmente, deve-se evitar a ambigüidade e a redundância.

Aspectos como coerência, coesão, conectivos, frases feitas, erros ortográficos, uso indevido de pontuação, erros na acentuação gráfica, ambigüidade, redundância, repetição de palavras, uso de alterações e uso excessivo do “que” além de empobrecer o texto, ainda pressupõe que os alunos não conheçam esses obstáculos à construção de um bom texto.

Nesse caso, sugere-se trabalhá-los com os alunos; porém, sem enfatizar a questão do “erro”, mas levando em consideração que, muitas vezes, os alunos escrevem da maneira que



falam, ou seja, utilizam recursos expressivos próprios de sua oralidade, assim, o professor deve aproveitar o momento de conectar os textos enfatizando a diferença entre linguagem falada e linguagem escrita.

Com isso, espera-se estar contribuindo com aqueles que se preocupam com os problemas de educação no Brasil, principalmente no que diz respeito à produção textual por parte dos alunos. É preciso instrumentalizar o aluno para que possa compor e compreender os diversos tipos de textos e principalmente, para o texto dissertativo, visto que este está mais presente na atualidade e é mais exigido nas escolas. Portanto, a grande importância desta pesquisa em questão é demonstrar que a produção textual é tão importante quanto à leitura e suas formas interpretativas. Pois saber escrever com coerência é uma habilidade que se adquire na escola a partir, é claro, de muita leitura e compreensão da mesma.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. *Relações interpessoais e auto-estima*. A sala de aula como espaço do crescimento integral, Petrópolis: Vozes, 2003.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1999.
- BRANDÃO, H. & MICHELETTI, G. *Teoria e prática da leitura*. In: CHIAPPINI, L. (coord.). *Aprender e Ensinar com Textos Didáticos e Paradidáticos*. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 1997.
- GUIMARÃES, Elias. *A Articulação*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.
- HAYDT, Regina Célia Cazaux. *Curso de didática geral*. Série Educação. 5. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- JOUVE, Vincent. *A Leitura*. Trad. Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.
- LUCKESI, Cipriano C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARTINS, Dileta Silveira & ZILBERKNOP, Rúbia Scliar. *Português instrumental*. 20. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1989.
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica*. 5. ed., São Paulo: Atlas, 2003.
- MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno: o que é como se faz*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- PLATÃO, F. S., & FIORIN, J. L. *Para entender o texto: leitura e redação*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- QUEIROZ, Bartolomeu Campos. *O Livro é passaporte, é bilhete de partida* (Artigo que integra o livro a formação do leitor: pontos de vista, Rio de Janeiro: Argus, 1999).
- RAPOSO, D. M. S., & PINHO, G. R. A. *Pesquisa e Prática Pedagógica*. In: *Aprendendo a Aprender*. V. 8. Brasília: UNICEUB, 2005. P. 283-381.